

Florencia Guzzetti
Sofía Laporte

Notas sobre
pornografia
e outros
rituais inúteis

Reivindicação do prazer pelo prazer



Florencia Guzzetti
Sofía Laporte

Reivindicação do prazer pelo prazer

Notas sobre pornografia
e outros rituais inúteis

*Devemos criar prazeres novos.
Então, pode ser que o desejo surja.*
Michel Foucault

Quando dizemos que estudamos pornografia, há uma série de reações que se repetem: risos, surpresa, perplexidade, desconforto. E nos perguntamos: o que é que faz da pornografia um objeto de desaprovação social rodeado por um manto de silêncio? Se o consumo de pornografia busca a excitação sexual de quem assiste, poderíamos reformular a questão da seguinte forma: por que tanta recusa em nos excitarmos e, mais ainda, em falar sobre isso em público? Em suma, por que tanto medo do prazer?

Este ensaio tentará encontrar algumas respostas pensando não só na pornografia, mas em outras instâncias de prazer que nos são negadas

ou, no mínimo, questionadas. Pensamos, por exemplo, no cochilo, na festa, no lazer, no uso recreativo de drogas, em passear, dançar solitariamente, e, claro, em pornografia. Queremos pensar por que todas essas atividades representam um perigo, por que são vistas com desconfiança, julgadas, estigmatizadas e até criminalizadas.¹

O que todas essas práticas têm em comum? Uma hipótese é que elas não perseguem um objetivo diferente de sua própria realização, ou seja, lhes falta um fim produtivo. São *o prazer pelo prazer*. Quando caminhamos pelo mero fato de caminhar, não vamos a nenhum lugar determinado nem temos um objetivo a priori: trata-se de um presente contínuo, que poderíamos pensar como inútil. É uma atividade que requer total presença e entrega: ao ambiente, aos encontros, ao surgimento do imprevisto. Não sabemos de antemão para onde vamos, e é justamente essa a ideia. A imprevisibilidade, podemos pensar, é a condição ontológica de todas essas atividades.

Como um ritual exige fé dos participantes para que a cerimônia aconteça, essas atividades (*pequenos rituais*) requerem das pessoas disponibilidade para se deixarem afetar. Permissão para divagar: nos parece significativo que a ideia de "ser afetado" geralmente tenha conotações negativas, quando "afetar" significa literalmente "produzir uma coisa certo efeito em algo ou alguém". Sendo assim, pensar em uma vida livre de afetação é pensar em uma vida estéril, monótona, estática, asséptica, na qual nada altera o estado das coisas e, portanto, nada nos desafia. Isso é o que Marina Garcés pensa como "compromisso":

1 Recentemente, em uma conversa com amigas, surgiu o fato de um deles ter voltado a fumar porque no trabalho era válido demorar cinco minutos para isso, mas não para tomar um ar ou qualquer outro tipo de atividade sem uma finalidade específica. Na mesma linha, outro amigo perguntou certa vez, num tom entre o chateado e o jocoso, por que era socialmente válido estar em reunião e rolar o feed no celular, mas pegar um livro e começar a ler gerava questionamento ou desconforto. Essas lógicas, por mais ridículas que possam parecer enunciadas dessa maneira, constantemente nos condicionam.

Quebrar as barreiras da imunidade, renunciar à liberdade clientelista de entrar e sair do mundo com indiferença, como se fosse um supermercado ou um site. Significa [...] entrar em espaços de vida em que não podemos aspirar a controlar tudo, envolver-nos em situações que nos ultrapassam e que nos obrigam a inventar novas respostas que talvez não teremos e que certamente não nos deixarão iguais (Vasallo, 2014: 47).²

Entendemos o ritual como um ato performático que transforma o momento presente e que supõe um *desvio do cotidiano*,³ na medida em que o tempo produtivo é suspenso e dá lugar a outras lógicas. Em seus desvios incalculáveis, o ritual representa tanto uma possibilidade criativa quanto um risco. Eis a sua potência.

Mas tudo isso incomoda. Em nossas sociedades, a utilidade é o valor fundamental e a razão da existência de qualquer ocupação ou atividade que desenvolvamos. Tudo é feito *para* algo além: trabalhar *para* "melhorar a qualidade de vida", exercitar-se *para* emagrecer, e poderíamos continuar com uma enumeração cansativa. Já que o prazer em si não constitui uma razão válida ou suficiente, o que aparece em seu lugar é a ideia da necessidade como o único fundamento possível para todo fazer. Frequentemente ouvimos ideias como a de que o sexo é uma necessidade fisiológica, que precisamos (ou não) de drogas para relaxar ou nos sentirmos melhor, ou de que não precisamos assistir pornografia para nos excitar. A mesma lógica que está subjacente à ideia que muitas vezes ouvimos sobre *precisar* ou não de um vibrador para se masturbar. Não podemos *desejar* em vez de *precisar*? Parece

2 As autoras Florencia Guzzetti e Sofía Laporte são responsáveis pelas traduções, para o português, das citações feitas ao longo do texto. A referência bibliográfica corresponde ao original em espanhol. [Nota da editora.]

3 Tomamos essa ideia emprestada do modo como o desejo aparece em *Yes we fuck*, documentário sobre sexualidade e diversidade funcional realizado por Antonio Centeno e Raúl de la Morena.

que o prazer não constitui um valor em si mesmo, e que nossa assimilação do capitalismo e da culpa judaico-cristã chegou a esse ponto.⁴

Em seu ensaio *O direito à preguiça* (1880), Paul Lafargue afirma que o ideal da moralidade capitalista é “reduzir o produtor ao mínimo das necessidades, suprimir seus prazeres e paixões e condená-lo ao papel de máquina que produz trabalho sem trégua nem piedade” (Lafargue: 2). Esses *rituais inúteis* de que falamos incomodam a máquina produtiva porque não obedecem à economia capitalista do tempo, mas sim à da carne.

Agora, trazer à tona que tiramos um cochilo ou assistimos a pornografia, sabemos, não provoca a mesma reação. Enquanto a primeira pode não contar com o endosso social (e a ideia de “ser preguiçoso” muitas vezes aparece), uma desaprovação mais radical e complexa opera em torno da segunda, que tem a ver com tabu. O tipo de afeto que o consumo de pornografia implica não é apenas somático – no sentido de que tem efeitos visíveis no corpo –, seus próprios signos são da ordem do sexual: se choramos ou rimos ao ver um filme, isso não é motivo de escândalo, mas sim se ficamos tarades, dures ou molhades.

O ritual da pornografia é de um tipo muito particular. Quando nos dispomos a assistir a um filme pornô, tomamos certo tempo e espaço, nos acomodamos, reservamos perto um lubrificante ou um vibrador, nos deixamos envolver pela situação. Em geral, não assistimos a pornografia se não houver tempo ou desejo de nos excitarmos (e nos

4 Nesse sentido, pensamos que as lutas que incidem na reivindicação do uso de drogas para fins medicinais e da “melhora” da pornografia, porque constitui a educação sexual das crianças, podem estar, sem querer, efetuando uma reterritorialização desses consumos apenas no que eles possam ter de legítimos e morais. E aí entramos novamente no campo da lógica instrumental da satisfação das necessidades. Longe de descartar essas lutas, acreditamos que é preciso ter cuidado para não perder de vista que também é válido o consumo que não tem outra funcionalidade senão o mero prazer.

darmos prazer), se o espaço não for adequado, se houver previsão de uma ligação de trabalho. A pornografia, então, requer um compromisso e uma vontade de se deixar afetar. Como afirmam Barba e Montes,

Se tenho predisposição à revelação é porque investi a pornografia de autoridade para concedê-la a mim e porque eu mesmo me predispus a recebê-la [...] A pornografia desencadeia reações que me ajudam a pensar sobre mim, sobre um eu íntimo e velado em certa medida até para mim mesmo (Barba e Montes, 2007: 42).

Na sua capacidade de revelar o que é da ordem do incomunicável da intimidade e de excitar, a pornografia é, poderíamos dizer, imprevisivelmente afetiva: ameaçadora, fascinante, reveladora. Como exemplo, Linda Williams conta em *Porn Studies* que, em uma de suas aulas, um aluno não quis assistir ao vídeo por medo de se sentir excitado com a imagem de dois homens fazendo sexo. "Se eu gostasse disso, – confessou – isso significaria que eu sou gay" (Barba e Montes, 2007: 42).

Em sua possibilidade arisca ao sistema cis-heteronormativo, a pornografia oferece possibilidades criativas e desejos inesperados (que podem ou não ter sido procurados). Não atribuímos essa capacidade a toda pornografia, mas acreditamos que a potência existe como uma possibilidade. Descobrir, no meio de uma imagem, que desejamos corpos ou práticas que não havíamos imaginado tem uma força ao mesmo tempo perigosa e espetacular. Esse pânico sexual não é apenas atribuível ao espectador, mas acima de tudo a uma norma que regula e padroniza nossos desejos.

Se Paul Lafargue, diante da "loucura de amor pelo trabalho", reivindica o *direito à preguiça*, nós, diante do imperativo capitalista que coloca a utilidade acima do prazer e os contrapõe, reivindicamos nosso direito à inutilidade em todas as suas possibilidades criativas. Nós nos comprometemos em e com rituais inúteis e nos deixamos afetar por eles é uma resistência afetiva à lógica utilitarista e à sua consequente

fagocitização do prazer e uma possibilidade que temos de que, como diz Foucault, “o desejo surja”.

Porto (Portugal), junho de 2021

Bibliografia

Barba, Andrés e Montes, Javier. *La ceremonia del porno*. Barcelona: Anagrama, 2007.

Foucault, Michel. *¿Qué hacen los hombres juntos?* Madrid: Ediciones Cinca, 2015.

Lafargue, Paul. *El derecho a la pereza*, Marxist Internet Archive, Omega-galfa Biblioteca Libre.

Vasallo, Brigitte. *Redes afectivas y revoluciones*. Barcelona: Pensaré cartoneras, 2014.

Caderno de Leituras n.136

Reivindicação do prazer pelo prazer
Notas sobre pornografia e outros rituais inúteis

Florencia Guzzetti e Sofia Laporte

EDIÇÃO

Maria Carolina Fenati

TRADUÇÃO

Clara Delgado

REVISÃO DA TRADUÇÃO

Thiago Panini

REVISÃO

Andrea Stahel

PROJETO GRÁFICO

Luísa Rabello

COORDENAÇÃO DA COLEÇÃO

Luísa Rabello

Maria Carolina Fenati

Composto em Neue Haas Grotesk

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, novembro de 2021

Esta e outras publicações da editora

estão disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos
da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização



Incentivo



CULTURA



PREFEITURA
BELO HORIZONTE

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA

Projeto 1094/2020